

A presença de Saussure e Benveniste em Henri Meschonnic

Daiane Neumann

Resumo: O presente artigo objetiva discutir acerca das reflexões e contribuições trazidas por Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste na obra de Henri Meschonnic. Essa discussão nos possibilita situá-la em um quadro epistemológico, bem como compreender sua constituição. O debate proposto é profícuo também na medida em que nos possibilita vislumbrar as particularidades da leitura feita por Henri Meschonnic das obras desses dois grandes mestres. Tal leitura aponta para ideias e discussões que se encontram de forma embrionária na obra destes, o que nos conduz a relê-las, observando sua riqueza e complexidade.

Palavras-chave: Émile Benveniste – Ferdinand de Saussure – Henri Meschonnic – teoria da linguagem

Introdução

Na terceira seção da obra *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*, denominada *Épistémologie, langage*, Jürgen Trabant escreve um texto intitulado *Le Humboldt d'Henri Meschonnic*. Nele, o autor afirma que as três grandes referências do trabalho e da obra de Meschonnic são Wilhelm von Humboldt, Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. Nosso objetivo é aqui, portanto, discutir como as ideias e reflexões de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste aparecem na obra deste autor.

O trabalho de Henri Meschonnic adquire uma importância ímpar para estudiosos da teoria benvenistiana atualmente, na medida em que se propõe a desenvolver o que este chamou de *metassemântica*, no final programático do texto “Semiologia da língua”, publicado no *PLG II*. No referido texto, Benveniste diz ser necessário ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Essa ultrapassagem se daria por duas vias, aquela da análise intralinguística e aquela da análise translinguística dos textos, das obras. Esta última se

daria pelo desenvolvimento de uma metassemântica que se constituiria sobre a semântica da enunciação.

No desenvolvimento de sua metassemântica, denominada por Meschonnic, *Teoria do ritmo*, o autor faz referências à obra de Benveniste e de Saussure. Nessas discussões e reflexões, percebemos nitidamente a sua tentativa de resgatar um Saussure que, segundo ele, foi apagado pela Semiótica de Peirce e pelo que denominou de *vulgata estruturalista*. Quanto a Benveniste, Meschonnic propõe-se como continuador de sua obra, assim como Benveniste o foi da obra de Saussure, e apresenta o desenvolvimento de ideias que aparecem de forma embrionária na obra deste pensador da linguagem.

Acreditamos que essa reflexão torna-se relevante na medida em que possibilita situar epistemologicamente a obra de Henri Meschonnic dentro dos estudos da linguagem. Possibilita ainda compreendermos a dimensão e a construção da obra deste autor, bem como qual foi sua contribuição dentro dos estudos enunciativos e do programa proposto por Saussure, cujo desenvolvimento se inicia com Benveniste, que é da construção de uma *Semiologia*.

A reflexão que aqui propomos nos leva ainda a repensar o alcance da obra de Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure e reconhecer em suas obras os alicerces para o desenvolvimento do que Henri Meschonnic denominou *Teoria do ritmo*, o que implica vislumbrar a riqueza e a complexidade do trabalho de dois pensadores da linguagem que muitas vezes recebem rótulos que não lhes cabem e que acabam por reduzir o alcance de suas propostas de reflexão.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, discutiremos primeiramente a relação da obra de Henri Meschonnic com a obra de Émile Benveniste. Em seguida, apresentaremos algumas reflexões daquele acerca da obra de Ferdinand de Saussure, para então apresentarmos algumas considerações finais.

1. O Benveniste de Henri Meschonnic

Émile Benveniste, segundo Meschonnic, aparece sozinho contra o estruturalismo, pois este é o único a compreender o pensamento de Saussure como um pensamento que entende a língua como um sistema, e não como uma estrutura, visto que a palavra “estrutura” não tem em Benveniste o sentido estruturalista. Benveniste então incapaz de sair completamente do domínio semiótico, em que o *Curso de linguística geral* havia fechado a língua, seu objeto de estudo, se encontra no seio do novo espaço teórico por ele aberto com a proposta do sistema linguístico da enunciação.

Henri Meschonnic de forma explícita em sua obra apresenta sua filiação ao pensamento benvenistiano. No texto “Semiologia da língua”, publicado na obra *Problemas de linguística geral II*, Benveniste encerra sua artigo com a afirmação de que “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e funcionamento da língua”. Em seguida, o linguista apresenta duas vias através das quais é possível fazer tal ultrapassagem, aquela da análise intralinguística, operada na dimensão de significância do discurso, por ele denominada semântica; e aquela da análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construiria sobre a semântica da enunciação.

Meschonnic, em “Benveniste: sémantique sans sémiotique”, afirma que é sobre a segunda via proposta por Benveniste que se situa o desenvolvimento da poética do ritmo. Para aquele, este apresenta um grande problema ao afirmar que as obras de arte particulares possuem o semântico sem semiótico, enquanto a língua configura-se como o único sistema que possui o semântico e o semiótico.

Esse esboço feito por Benveniste em “Semiologia da língua” coloca, segundo Meschonnic, a teoria da linguagem em crise, na medida em que teríamos um conflito gerado pelo fato de que um sistema que possui ao mesmo tempo semiótico e semântico, no caso a língua, seria o interpretante de sistemas que possuem apenas o semântico. Ou seja, essa relação de interpretância se daria por relações semióticas. Nelas haveria sempre um resto, indefinido e infinito, que escaparia à interpretação e que define um vir a ser irredutível do valor e do sentido.

Il me semble qu'elle donne la démonstration même que le rapport entre la sémantique sans sémiotique et la sémiotique-langue ne tombe pas juste et ne tombera jamais juste: il y a et il y aura *toujours* un *reste*, indefini et infini, que échappe à l'interprétance, et qui définit un avenir irréductible de la valeur et du sens, dont le lieu est l'art, la difficulté de penser l'art, et que, de l'art, il n'y a jamais que des oeuvres. Il n'y a que le particulier pour penser le general! (MESCHONNIC, 2008b, p. 410-411)

Há, para Meschonnic, um conflito entre o *falar-de*, que é uma função do signo, que supõe um primado da identidade, os mesmos valores de referência, e o *dizer*, que é o infinito do sentido e o valor próprio da obra, sempre suscetível de uma leitura nova. Deste conflito surge o questionamento do autor: *como a relação entre um semântico sem semiótico e a língua como um sistema semiótico-semântico pode ser ela mesma semiótica?* (MESCHONNIC, 2008b, p. 410)

Nesse sentido, o autor propõe que desde que a língua seja vista na ordem do discurso, considerada na *física do discurso*, e especialmente nos sistemas de discurso que são a realização máxima do semântico sem semiótico, o que se observa é o funcionamento do contínuo, o que mascara o signo. O contínuo é então *o ritmo como organização do movimento da fala na escritura e na oralidade não mais como oposição dual do oral e do escrito no signo, mas como o primado do ritmo e da prosódia como modo de significar.* (MESCHONNIC, 2008, p. 412)

Meschonnic afirma que o semântico sem semiótico só pode ter lugar no discurso, não na língua. Para o autor, esta ideia está proposta em Benveniste para a análise do discurso quando este afirma “não é uma adição de signos que produz o sentido, é ao contrário o sentido (o ‘intenté’), concebido globalmente, que se realiza e se divide em ‘signos’ particulares, que são as PALAVRAS” (BENVENISTE *apud* MESCHONNIC, 2008b, p. 412). Essa elaboração do discurso por Benveniste faz dele um caminho inevitável para Meschonnic pensar o contínuo na linguagem.

No texto “Seul comme Benveniste”, Henri Meschonnic propõe que a poética ausente em Benveniste seria essa poética da metassemântica, que se constituiria a partir da

semântica da enunciação. Para o autor, talvez a crítica do discurso pela poética seria o sujeito como subjetivação, a reposição da noção de significância por uma significância da prosódia e do ritmo como semântica do contínuo.

La poétique, absente, chez Benveniste, pourrait être cette “métasémantique” (*Plg.* II, 66) qu’il voyait comme un avenir du sémantique. Peut-être la critique du discours par la poétique serait la reprise du sujet comme sujetivation, la reprise de sa notion de signifiante (“propriété de signifier”, *Plg.* II, 51) par une signifiante de la prosodie et du rythme comme sémantique du continu. (MESCHONNIC, 2008(a), 389)

Outra grande contribuição trazida por Benveniste, no texto “Semiologia da língua”, segundo Henri Meschonnic, foi a dissociação entre unidade e signo. Essa ideia de que o signo é necessariamente uma unidade, mas a unidade pode não ser um signo é importante para as expressões artísticas e também para a poética de Meschonnic, já que pode afirmar que a obra inteira é uma unidade, mas essa unidade não é um signo, portanto, a obra de arte não é feita de signos. Nesse sentido, uma obra de linguagem é plena de palavras, contudo não são as palavras que fazem a obra, é a obra que faz o que em seguida se atribui às palavras.

A poética do ritmo, que surge então a partir desse problema posto, mas não desenvolvido por Benveniste, é delineada pelo autor a partir da leitura do texto “A noção de ‘ritmo’ na sua expressão linguística”, publicado em *Problemas de linguística geral I*.

Émile Benveniste no texto “A noção de ‘ritmo’ na sua expressão linguística”, publicado em *Problemas de linguística geral I*, inicia sua reflexão dizendo que havia um verbo *tropos* que era empregado pelos pré-socráticos para designar o vai e vem das águas no Clepsidro. O referido termo não permite que se dissocie a ideia de fluxo daquela de periodicidade.

Segundo o linguista, *Rhuthmos* é glosado como “caractere, disposição” e *tropos* “hábitos”. Se algum verbo deve, portanto, comportar a ideia de recorrência, este seria

tropos. O termo *kuma*, segundo Benveniste, vem realizar a metáfora dos vagos que a atitude platonizante quer imprimir no ritmo como era na origem. Benveniste faz essa retomada com o objetivo de mostrar que já havia o mensurável, a regularidade, antes de Platão. No entanto, essa ideia de regularidade está presente em *kuma*, mas não em *rhythmos*.

De acordo com Benveniste, *rhythmos* significaria então organização formal. Nas palavras de Meschonnic, em “Só como Benveniste”, Heidegger traduz *rhythmos* por *Verfassung*, cuja tradução para o português é estrutura. O trabalho desenvolvido por Benveniste revela, portanto, um sentido adormecido da palavra e mostra que ele era, segundo Mallarmé *apud* Meschonnic (2008, p. 376), um “nó rítmico” pela relação reencontrada entre a linguagem e o tempo, a linguagem e o movimento.

Para Meschonnic no texto “Crise de signe”, em *Dans le bois de la langue*, Platão transformou a noção de ritmo, ou seja, é Platão quem inventa a noção corrente de ritmo, que é tomada por natural. Dessa forma, Platão transformaria, no ritmo, o contínuo em descontínuo. O descontínuo reina nas representações da linguagem com as noções de signo (forma/conteúdo) – palavra, frase, subdivisões tradicionais (léxico, morfologia, sintaxe) – e do ritmo no sentido clássico, que apresenta a oposição entre verso e prosa. Essa ideia de descontínuo impede que se pense o contínuo.

A história da noção linguística de ritmo, por Émile Benveniste, de acordo com Meschonnic, mostrou que a definição corrente desse vocábulo não é o resultado da natureza das coisas, não é a expressão transparente da natureza da linguagem, mas uma representação que resulta do trabalho conceitual de Platão sobre uma representação anterior, aquela da filologia iônica, de Demócrito e Heráclito, que oporia *rhythmos*, organização do movimento, a *skhèma*, organização das coisas imóveis. Platão, para pensar a música e a dança, acrescentou as noções de proporção matemática (*harmonia*), de ordem (*taxis*) e de medida (*metron*). Platão transformou assim uma noção do contínuo em noção do descontínuo.

Pensar o contínuo na linguagem é, em Meschonnic, pensar o efeito e o conceito de forma conjunta e não separada, pensar a relação entre corpo e linguagem, entre língua e pensamento. Há para o autor, sobre o modelo do paradigma linguístico, o paradigma

antropológico, filosófico, teológico, social, político. São todos eles juntos que constituem o signo. Partindo do ritmo como organização do movimento da fala na linguagem, veremos que um outro sistema aparece.

Se o ritmo é uma organização do movimento da fala, esta organização é uma atividade e um produto, e é necessariamente uma atividade do sujeito. Nas palavras de Meschonnic, “o ritmo não é mais a alternância de um tempo forte e um tempo fraco, sobre o plano fônico; o ritmo é a organização do movimento da fala por um sujeito”. (MESCHONNIC, 2008, p. 59)

Meschonnic, através da recuperação desse “sentido adormecido” da palavra “ritmo”, desenvolve a teoria do ritmo. Para o autor, o ritmo organiza o movimento da fala na escritura e na oralidade, não mais como oposição dual do oral e do escrito no signo, mas com o primado do ritmo e da prosódia no modo de significar.

Temos hoje, de acordo com o autor, uma reflexão sobre a linguagem sobre suas representações que tem pelo menos dois mil e quinhentos anos e que discute essencialmente o dualismo do signo, esta dupla abstração que toma a linguagem como a aliança de dois elementos radicalmente heterogêneos um ao outro, o som e o sentido, a forma e o conteúdo. A poética do ritmo trabalha para mostrar que há o descontínuo do signo, das palavras, das línguas, que são conhecidos, mas também um contínuo que a concepção mais tradicional impede de perceber.

Trata-se para Meschonnic de fazer aquilo que Benveniste não faz, *déplatoniser* a noção de ritmo. Trata-se de saber o que é o contínuo, e pensar o contínuo nos obriga a deixar Descartes e ir em direção a Spinoza. Somente assim pode-se pensar a linguagem como um todo, as relações entre corpo e linguagem, língua e pensamento.

Il s'agit donc d'abord de déplatoniser la notion de rythme. Ce que Benveniste, en archéologue du langage, ne fait pas. Mais ce que j'ai fait en 1982 dans *Critique du rythme*. Ensuite, il s'agit de savoir ce qu'est le continu. Et penser le continu nous oblige à quitter le côté de Descartes, pour aller vers Spinoza. Pour penser,

dans le langage, l'affect et le concept ensemble et non séparé, et les rapports entre corps et langage, entre langue et pensée...(MESCHONNIC, 2008e, p. 36-37)

Na obra de Émile Benveniste, há uma discussão, uma reflexão, que envolve o que pode ser denominado de uma antropologia da linguagem, na medida em que nela a linguagem é apresentada como constitutiva do homem. No texto “Da subjetividade da linguagem”, em *Problemas de linguística I*, Benveniste afirma que a comparação da linguagem com um instrumento deve nos encher de desconfiança, assim como toda a noção simplista da linguagem, pois falar de instrumento é por em oposição o homem e a natureza. A linguagem, por sua vez, não é fabricada pelo homem, mas está na natureza do homem. “Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. (...) é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Para Benveniste, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade na *sua* realidade que é a do ser, conceito de ‘ego’”. Essa subjetividade tratada pelo autor é a capacidade do locutor se propor como sujeito. É a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. “É ‘ego’ que diz *ego*”(BENVENISTE, 2005, p. 286).

Em Meschonnic, no desenvolvimento da teoria do ritmo, o autor apresenta algumas concepções e ideias sobre a relação do homem com a língua, que se aproximam muito dessa reflexão em Émile Benveniste. Em seu texto “Oui, qu’appelle-t-on penser?”, em *Dans le bois de la langue*, o autor afirma que é o poema que faz o poeta, não o poeta que faz o poema. Ainda no mesmo texto, o autor postula que um poema nos inventa, ele inventa quem o escreve, e inventa quem o lê.

Para Meschonnic este é um ato ético, não um ato estético, uma ética em ato, um ato de linguagem, que transforma a ética. O autor define o poema como uma invenção de uma forma de vida por uma forma de linguagem, e a invenção de uma forma de linguagem por

uma forma de vida. Há em Meschonnic a busca pelo desenvolvimento de uma antropologia da linguagem nos moldes benvenistianos.

Meschonnic propõe uma antropologia histórica da linguagem, uma postulação de interação entre linguagem e literatura, entre teoria da literatura e teoria da linguagem que se torna uma crítica da noção tradicional de ritmo. Esta postulação manifesta a necessidade de uma outra noção de ritmo, que é aquela proposta pelo autor.

A linguagem para Meschonnic (2008f, p. 222)

n'est pas seulement le lieu et la matière de la communication, il est avant cela même, et pour être cela, le lieu et la matière de la constitution de chaque être humain dans son histoire. Le langage est donc indissociablement matière éthique et matière politique. Et matière épique au sens où s'y constituent les aventures de la voix humaine.

Nesta breve discussão, percebemos que há três grandes eixos que ligam o desenvolvimento do trabalho sobre a teoria da linguagem de Henri Meschonnic e de Émile Benveniste, que podem ser encontrados nas discussões que envolvem o pensar a linguagem em uma perspectiva de um semântico sem semiótico, a teoria do ritmo e a construção de uma antropologia da linguagem. A seguir trataremos da referência à obra saussuriana feita por Meschonnic no desenvolvimento de seu trabalho.

2. O Saussure de Henri Meschonnic

Saussure aparece na obra de Henri Meschonnic muitas vezes através do trabalho desenvolvido por Benveniste, de quem Meschonnic se diz um continuador. A leitura feita por Benveniste do trabalho de Ferdinand de Saussure é muito peculiar e de certa forma

opõe-se à leitura feita pelos estruturalistas. Denominamos esta leitura *peculiar* devido ao fato de que mesmo sem terem sido ainda descobertos e publicados os manuscritos de Saussure, Benveniste consegue perceber no conjunto de sua obra direcionamentos que estão muito consoantes com os estudos atuais sobre o pensamento de Ferdinand de Saussure.

No texto “*Estrutura*” em *lingüística*, Benveniste ao referir-se ao estruturalismo afirma “é importante notar, para uma descrição exata desse movimento de idéias que não se deve simplificar, que Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra *estrutura*. Aos seus olhos a noção essencial é de *sistema*” (p. 98). Ou seja, Benveniste já observava que as reflexões feitas por Saussure eram muito mais complexas e traziam uma contribuição muito maior para os estudos linguísticos do que era revelado nos estudos estruturalistas que se filiavam ao pensamento do grande mestre.

De acordo com Meschonnic (2008a), a língua e a fala, assim como diacronia e sincronia, e paradigma e sintagma foram transformados em pares de exclusão pelos estruturalistas. No entanto, segundo o autor, *Saussure não é estruturalista*. Para Saussure, a fala não é excluída do sistema de signos que é a língua, ela é somente distinta como objeto de estudo, mas não no seu funcionamento “a execução [...] é sempre individual”, “É um tesouro depositado pela prática da fala...” (*Curso de linguística geral*, p. 30 *apud* MESCHONNIC, 2008a, p. 363).

Nesse sentido, para o autor, Benveniste não faz uma ultrapassagem em relação a Saussure, mas um *deslocamento nocional*, pela relação com conceitos novos. O conjunto de sua obra está *ao lado de Saussure*, mas se opõe certamente ao estruturalismo. Nesse sentido, para Meschonnic, a relação de interação, que é transformada em pares de exclusão mútua pelos estruturalistas, não somente não é *ultrapassada*, mas revezada, reposta, pelo conceito de discurso.

Há para Henri Meschonnic um *deslocamento*, porque enquanto Saussure preocupava-se com a definição e discussão do sistema da língua, Benveniste discute o sistema linguístico da enunciação. Ideia que é corroborada através do estudo do texto “O aparelho formal da enunciação”, publicado em *Problemas de linguística geral II*.

Na obra de Meschonnic, encontramos uma reflexão sobre a linguagem, ou seja, sobre a teoria da linguagem. O autor diz tomar emprestado esse termo de Saussure, visto que este foi inventado pelo mestre genebrino para se opor aos estudos da linguística de seu tempo e à filosofia. Para Henri Meschonnic, os linguistas que descrevem o funcionamento da linguagem não fazem o que ele chama de *teoria da linguagem*. Para ele, a teoria da linguagem é *intempestiva*, ela trata dos *velhos* problemas, a relação entre linguagem e corpo, linguagem e sujeito, linguagem e o pensamento, língua e discurso, língua e literatura, língua e cultura, língua e ideias religiosas e políticas.

No entanto, o autor admite que se a teoria do ritmo muda, ou seja, se pensarmos o ritmo sob perspectiva proposta por ele, toda a teoria da linguagem muda e mesmo a noção inicialmente apresentada por Saussure. Ou seja, há um distanciamento aqui do mestre genebrino. No entanto, o que Meschonnic afirma da relação Saussure-Benveniste, serve para sua relação com este grande mestre. Embora mude o modo de conceber a teoria da linguagem, o conjunto de sua obra está consoante com o pensamento de Saussure, na medida em que este, através da definição de alguns conceitos, situa as bases para a discussão mais tarde proposta por Émile Benveniste e Henri Meschonnic. “C’est Benveniste que invente un nouveau concept, celui de discours, dans un vieux mot. Et c’est la seule invention majeure dans la pensée du langage, au XX siècle, après celle de système de Saussure.” (MESCHONNIC, 2008g, p.189)

Ainda de acordo com o autor,

a pesquisa do discurso faz necessariamente de Saussure uma leitura diferente daquela dos estruturalistas, que a didatiza e a escolariza em língua/fala, sincronia/diacronia, com o pressuposto do rigor da continuidade entre Saussure e o estruturalismo. Para o discurso, é a estratégia da historicidade que é fundadora, em Saussure, com e apesar de sua incompletude. (MESCHONNIC *apud* DESSON, 2006, p. 183-184)

Para Meschonnic, há quatro princípios que são fundadores de um pensamento sobre o discurso que está presente em Saussure:

Le “radicalement arbitraire” du signe, condition de l’historicité radicale du langage, et du discours; la pensée du fonctionnement, à la fois contre l’origine et contre les “subdivisions traditionnelles” (lexique, morphologie, syntaxe); la valeur, contre la notion de sens; et le système, contre l’historicisme, la nomenclature, mais aussi la structure, avec laquelle le structuralisme a confondu la notion du système. (MESCHONNIC apud DESSONS, 2006, p. 184)

Dessa forma, torna-se claro para nós que somente a partir do conjunto da obra de Saussure, foi possível que Benveniste desenvolvesse seu trabalho sobre discurso e enunciação. Somente na continuidade do trabalho de Saussure, Benveniste pôde desenvolver esse trabalho que está antes de tudo em consonância com essa historicidade radical da linguagem e do discurso. Segundo Dessons (2006), o trabalho de Benveniste sobre a linguística da enunciação possibilita a Henri Meschonnic desenvolver sua poética da enunciação.

Para Dessons (2006), pensar o ritmo é indissociável de um pensamento da linguagem como radicalmente histórica, então o ritmo constitui a linguagem não como língua, mas como discurso; não como signo, mas como significância; não nas subdivisões tradicionais criticadas por Saussure (léxico, morfologia, sintaxe), mas como sistema; não como sentido, mas como valor, não como origem, mas como funcionamento, não na polaridade entre convenção e natureza, mas no radicalmente arbitrário concebido como histórico.

Considerações finais

Ao final da reflexão proposta, é imperativo que retomemos algumas ideias e façamos algumas relações para que possamos fazer um fechamento de certas discussões

apresentadas. A primeira delas é que a obra de Henri Meschonnic e sua reflexão sobre a linguagem se encontram amparadas no pensamento de Benveniste e Saussure. No primeiro, a partir de três eixos, a discussão do semântico sem semiótico, que foi possibilitada por Benveniste ao discutir o funcionamento da linguagem no discurso e ao dissociar a ideia de unidade da ideia de signo; a teoria do ritmo, que foi pensada, discutida e proposta a partir da reconstrução semântica feita por Benveniste da palavra “ritmo”, principalmente no que concerne à sua aceção anterior a Platão; e finalmente, a reflexão sobre a antropologia da linguagem, o que faz com que Meschonnic conceba a obra de arte não mais como um ato estético, e sim como um ato ético.

Todas essas reflexões propostas por Meschonnic surgem da construção do pensamento de Benveniste, que, por sua vez, nasce da reflexão proposta por Saussure. Essa reflexão propõe que se considere a língua por ela mesma, que a língua seja concebida como radicalmente arbitrária, que constitua um sistema e que se considere a noção de valor dentro do sistema. Ou seja, estas reflexões propostas e fundadas por Ferdinand de Saussure possibilitaram o desenvolvimento de uma vasta reflexão sobre a enunciação e o discurso no século XX, inclusive o desenvolvimento da teoria da enunciação desenvolvida por Émile Benveniste e da teoria do ritmo, proposta por Henri Meschonnic.

O *Curso de linguística geral* afirma que a linguística deveria ser uma especialidade dentro de uma ciência que seria constituída no futuro e que foi denominada por Saussure *Semiologia*. Nesse sentido, podemos perceber a continuidade a essa reflexão dada por Émile Benveniste em *Semiologia da língua*, quando este propõe a língua como interpretante de todos os outros sistemas, devido a sua característica única de possuir sempre o modo semântico e semiótico. A discussão de Henri Meschonnic sobre esse conflito proposto por Benveniste entre o falar-de e o dizer e sobre a impossibilidade de que sistemas que tenham somente o modo de significação do semântico, sem semiótico, sejam interpretados por um sistema que tem ao mesmo tempo semântico e semiótico, está em consonância ainda com esse projeto, cujas bases encontramos na discussão já proposta no *Curso de linguística geral*.

Nesse momento da reflexão, é possível que se identifique o quadro epistemológico que ampara o trabalho de Henri Meschonnic, que desenvolve a chamada *teoria do ritmo*,

bem como se repense o lugar dos trabalhos de Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure no desenvolvimento da linguística moderna, que se ampara predominantemente nos trabalhos ligados à teoria da enunciação e do discurso.

Ao final do percurso proposto, temos de concordar com Henri Meschonnic quando este afirma que Saussure e Benveniste não são estruturalistas, pois o desenvolvimento de seus trabalhos possibilitaram inúmeras pesquisas sobre a enunciação e o discurso, que tiveram rumos e desdobramentos diversos e que, com certeza, não se detiveram somente na análise das formas da língua, embora muitas vezes não a tenham descartado.

Referências bibliográficas

TRABANT, Jürgen. Le Humboldt d' Henri Meschonnic. In: DESSONS, Gérard; MARTIN, Serge; PASCAL, Michon. *Henri Meschonnic, la pensée et le poème*. In Press Edition: Paris, 2005.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In.: _____. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes Editora, 2006.

_____. A noção de 'ritmo' na sua expressão linguística. In.: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.

_____. Da subjetividade da linguagem. In.: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.

_____. "Estrutura" em lingüística. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes Editora, 2005.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Press, 2006.

MESCHONNIC, Henri. Seul comme Benveniste. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (a).

_____. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008 (b).

_____. Oui, qu'appelle-t-on penser?. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. (c)

_____. Si la théorie do rythme change toute la théorie du langage change. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. (d)

_____. Crise de signe. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. (e)

_____. Une Déclaration universelle des droits des langues et des cultures. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. (f)

_____. La venir est au sens du langage. In: *Dans le bois de la langue*. Paris: Editions Laurence Teper, 2008. (g)